

Diálogos motrícios

Eugenia Trigo¹
Sérgio Oliveira dos Santos²

Resumo: Esse artigo é fruto do encontro epistemologicamente curioso e inquieto que temos desenvolvido desde meados de 2016 em forma de diálogo sobre vários temas relacionados à motricidade. No início desse ano resolvemos, metodologicamente, ordenar esses diálogos em blocos temáticos. Delimitamos cinco temáticas e um eixo central. Vamos tratar de dois deles, uma vez que tem relação com a temática do *dossiê* “Motricidade, Corporeidade, Linguagem e Educação”. Abordaremos: “O *ser-motrício*³ e as linguagens” e “A motricidade e a Paidéia (educação)”.

Palavras Chave: Motricidade, diálogos motrícios, educação.

Abstract: This article is the result of the epistemologically curious and restless dialogues on various topics related to motricity. It presents two of these themes in the realm of the dossier “Motricity, Corporality, Language and Education”: “*ser-motrício* and the languages” and “Motricity and Paideia (education)”.

Keywords: Motricity, motricity dialogues, education.

Nota da Direção da revista - Quando a *Revista Internacional d'Humanitats* nomeou o Prof. Sérgio Oliveira dos Santos *editor ad hoc* do dossiê deste número “Motricidade, Corporeidade, Linguagem e Educação”, encomendou também a ele o presente artigo – que recolhe seus diálogos com a Dra. Eugenia Trigo – por considerar que seria oportuno para o leitor conhecer um pouco do processo de superação dos obstáculos (intra-, inter- e extra-) pesquisa e de seus caminhos, em tema tão pioneiro e inovador e de tamanha relevância. Agradecemos aos autores por terem aceitado o desafio e reproduzido – necessariamente no tom informal e coloquial original – suas discussões e trajetórias, autêntico referencial para outras pesquisas que enfrentam dificuldades semelhantes.

(Jean Lauand, p/ direção editorial)

Introdução

As pesquisas nascem da curiosidade epistemológica, da pergunta, da inquietação, do desejo de compreender nosso entorno, o si mesmo, nosso *ser-de-ação*. E quando esse movimento é compartilhado? E quando nossas perguntas encontram ressonâncias com a curiosidade do outro?

Esse artigo é fruto desse encontro epistemologicamente curioso e inquieto que, ao considerarmos de grande relevância, optamos por descrever parte desse percurso. Desde meados de 2016 temos dialogado sobre vários temas relacionados à motricidade. No início desse ano resolvemos, metodologicamente, ordenar esses diálogos em blocos temáticos. Delimitamos cinco temáticas e um eixo central. Destes cinco blocos, nesse espaço de divulgação, vamos tratar de dois deles, uma vez que eles

¹ Doutora en Filosofía y Ciencias de la Educación. Investigadora y Educadora. Autora de diversos textos sobre as temáticas: motricidade, corporeidade, criatividade, ciência e investigação encarnada. Directora del Instituto El Saber Kon-traste.

² Doutor em Educação, pesquisador em motricidade, linguagens e educação. CECAPE – Centro de Capacitação de Profissionais de Educação, PMSCSul.

³ Cf. SANTOS, S.O. O *ser-motrício*. *Revista International Studies on Law and Education*. São Paulo, n.27, set-dez de 2017, p. 39.

têm relação com a temática do *dossiê* “Motricidade, Corporeidade, Linguagem e Educação”. Abordaremos, portanto os seguintes temas: “O *ser-motricio*⁴ e as linguagens” e “A motricidade e a Paidéia (educação)”, tendo como eixo central as seguintes referências/perguntas: Qual é a diferença da motricidade com relação às outras formas de compreensão da(as) realidade(s)? O que dá identidade para essa perspectiva ontológica e epistemológica? Qual é o “plus” da motricidade? Porque ela não chega à compreensão das pessoas para orientá-las em seus projetos de vida? Onde estamos presos? Por que não conseguimos avançar?

Acreditamos que o artigo em forma de diálogos, não só apresenta uma significativa contribuição epistemológica como também revela um percurso de trabalho de dois pesquisadores que, apesar da distância física (São Paulo/Brasil – Galícia/Espanha) estão sinergicamente integrados pelas mesmas inquietações e sonhos.

E assim surgiu a proposta: diálogos motrícios

O formato de diálogo permite ver como um processo criador germina e ver como é possível criar realidades compreensivas quando o desejo de *ser-mais* é a força integradora:

ET [Eugenia Trigo]- *Estou relendo o intercâmbio das nossas mensagens destas últimas semanas. Organizei em um arquivo para podermos caminhar, em idas e vindas, retomar as ideias comentadas e ver os nossos avanços. Porque estão aí, isso é certo. E você mostra-os muito bem, tanto nas suas escritas como nas suas aulas de formação. Revisando estes diálogos, tenho uma ideia que gostaria de compartilhar. Acho que temos muito material criado. Acho que avançamos mesmo quando compartilhamos e tratamos de compreender alguma coisa juntos. Sinto que nestes diálogos, se calhar, escritos sem muito “pensar”, está a raiz do nosso conhecimento. Sinto que chegamos a coisas de muita profundidade e clareza de sentido, sem a necessidade de “recorrer” a citações acadêmicas. Sinto que estamos sendo “criadores”. Sinto, às vezes, mais criação e avanços nestes diálogos que em alguns textos “mais sérios” que escrevemos. São mais “vivos”, mais encarnados.*

E, durante esta revisão (e teria que procurar os outros diálogos de meses atrás), que acabo de fazer, me vêm à memória outros livros que tenho lido em forma de diálogo entre cientistas abordando alguma temática. Sempre são livros “leves” na escrita (porque vão dirigidos o grande público) mas, dentro da simplicidade está a grande complexidade e profundidade dos temas tratados.

Então... estou pensando na possibilidade de escrever um livro juntos a partir desses nossos diálogos. Que acha? Tem algum sentido? Serviria para algo? Acrescentaria alguma coisa? Seria um livro “simples”, sem esforço em novas escritas e só recuperando e continuando estes diálogos, a partir do que cada um de nós estamos fazendo. Sinto que as coisas desta maneira fluem mais e melhor. Sinto que por aí conseguimos “encarnar o conhecimento” muito mais plenamente e coerentemente... Não sei... Deixo a proposta em cima da mesa...

SS [Sérgio Santos] - *Olá, admiro sua capacidade de integração e síntese de tantos materiais. Concordo com você com relação ao conteúdo de nossos diálogos, são mesmo muito interessantes, sobretudo porque vão revelando uma trajetória reflexiva, um rico percurso epistemológico. Confesso que essa possibilidade de trabalho juntos me mantém muito motivado a seguir pesquisando.*

⁴ Cf. *idem, ibidem*

Sobre levarmos adiante a ideia de publicarmos os "diálogos"... Fantástico. Não tinha pensado nisso, mas já aceito o desafio. Diante do material que me mandou, surgiram dois grandes sentimentos: 1) De admiração! Quanta coisa interessante temos levantado! Que rico material! 2) De preocupação! Como articular de modo coerente tantas perguntas? Como articular as ideias para desenvolver um texto que seja ilustrativo desse percurso que me causou admiração? Comecei a elaborar uma estrutura em forma de artigo... mas não consegui dar prosseguimento. Em breve vou retomar esse processo.

Dialogando sobre as temáticas de estudo

A seguir apresentaremos um conjunto parcial de nossos diálogos investigativos:

ET - *Eu tenho pensado também nos nossos diálogos e a dificuldade em organizar. Mas, de momento, não fico preocupada com isso. Acredito que devemos continuar dialogando, criando e somando material. Depois de um tempo, veremos o que fazer com tudo isso. Às vezes ficamos preocupados com a "organização" antes de ter o material pronto. Normalmente, deixo isso para depois. O que acha? Por que, se queremos avançar com a organização do que temos, se calhar, corremos o risco de deter a criação que provém dos diálogos "livres" que vão acontecendo.*

Podemos pensar em um tempo "x" para os diálogos e depois avançar para a organização. Não é fácil, mas se calhar é mais rico. O que acha? Outra maneira, que pode ser complementar, é fazer uma listagem de temas que temos trabalhado (você diz que está fazendo isso com o material que temos) e continuar os diálogos em cima desses temas. Gosto também disso. E de novo as perguntas: a quem queremos chegar? Qual é o público alvo? Para quem escrevemos? Que mudanças queremos colocar? Que novos caminhos queremos abrir? Então proponho que "identifiquemos" com palavras simples "o nosso". Ser capaz de escrever em uma frase essa "identidade".

E dizer:

- *trabalhamos com as pessoas;*
- *trabalhamos para o bem comum;*
- *trabalhamos com as vivências;*
- *trabalhamos com uma rede de sentido;*
- *... há muitas pessoas (cientistas e formadores) que trabalham com essas coisas, qual é a nossa diferença? Desde vários anos, as pessoas que trabalham comigo (em pesquisa, em formação) dizem que "o meu método é diferente", mas nunca são capazes de dizer em que é diferente. E andamos dando voltas. E não conseguimos "apreender" essa diferença. Será que não é por isso que muitas pessoas não se aproximam dos nossos lugares (formação, livros, escritos, projetos)? Será que andamos divagando muito e concretizando pouco?*

SS - *No momento eu destaco duas linhas para dar continuidade a esse maravilhoso conjunto de reflexões. 1) Aprofundarmos a ontogênese da motricidade, desde a matéria/energia da física quântica, passando pela biodinâmica, entrando na relação motricidade/linguagens e agora, com essa possibilidade de avançar para as "redes" emergentes... onde penso que está o caminho que você está abrindo e para o qual está chamando a atenção. 2) Que não podemos deixar de considerar o diálogo constante*

Essência/Forma quando falamos de motricidade. Escrevi um pouco sobre isso no último documento que compartilhei (pauta do G.E.Horizontes⁵).

ET - *Então agora, para continuar a tarefa de escrita, e como você já comentou, vamos a fazer um "guia" para ordenar o que temos falado/escrito, tirar os eixos temáticos e centralizar os diálogos em torno a eles. Colocamos datas para isso? Você fala em adiantar uma parte deste trabalho (livro) e ajustá-lo para a forma de um artigo com previsão para fim de junho. Por onde caminhamos?*

SS - *Sobre o nosso trabalho, creio que o procedimento pode ser:*

a) Organizar o mapa das temáticas; b) situar os diálogos nessas temáticas; c) organizar o artigo para o dossiê com uma ou duas dessas temáticas, uma espécie de ensaio da obra (livro). Creio que podemos organizar esse material até final de julho... Em setembro já precisamos ter o artigo pronto para a revisão... O que acha? Inicie o mapa temático dos diálogos. A princípio percebi que temos um eixo central e, por ora, 5 trilhas temáticas que temos dialogado. Fiz um esboço inicial desse mapa e que te envio para aperfeiçoarmos. Vou retomar a leitura dos diálogos para ver como esse mapa pode ser melhorado. Veja o que acha.

ET - *Sérgio, concordo com a proposta de trabalho que você coloca. É mesmo o tempo para escrever o artigo. Se você pode fazer esse mapa de notas, vai ser um grande avanço. A partir disso escolhemos duas temáticas para o artigo e organizamos o resto. Vai ser muito bom!*

Observe a seguir a organização das temáticas levantadas a partir de nossos diálogos. Vale ressaltar que, para esse artigo, a sequência das descrições vai explorar os blocos 2 e 5, sempre permeados pelo eixo central.



Porque desejamos superar o paradigma atual, tratando de questões referentes a relação da motricidade, linguagens e a educação, problematizamos e discutimos:

⁵ Grupo de Estudos Horizontes – Grupo de pesquisa vinculado ao CECAPE- Centro de Capacitação de Profissionais da Educação – Dra. Zilda Arns – São Caetano do Sul – São Paulo. O grupo tem como objeto de estudo “as essências do ato educativo”.

- Exercer, com predisposição didático-argumentativa-vivencial, a atitude política assumindo o novo paradigma.
- Buscar coerências e adotá-las como princípios.
- Considerar a práxis⁶ criadora como eixo norteador e tese a ser defendida e como nomenclatura para a plenitude dos possíveis.
- Dar exemplos em diferentes vivências do *ser-motricio* e não somente em “práticas institucionalizadas”.
- Adotar a apreciação da motricidade como reconhecimento do *ser-motricio* exercendo a práxis criadora. Não delimitada como disciplina acadêmica mais como eixo norteador da educação/formação.

E por aí seguimos com os nossos questionamentos?

SS - *Seria a interconexão AÇÃO + SENTIDO + RELAÇÃO + VALORAÇÃO + CULTURA/HISTÓRIA/POLÍTICA uma rede de intencionalidade que permite situar o ser-motricio no mundo?*

ET - *Considero que sim. Mas há que clarear os conceitos, o que é cada coisa, para não entrar em confusão ou repetição.*

SS - *Seria possível criar modos celebrativos de validação de construção de conhecimentos/ações do ser-motricio não tão somente pela dimensão da forma mais das essências relacionadas ao estado de plenitude?*

ET - *Isto foi o que conversamos e que será o grande avanço que podemos dar. A interpretação das ações desde o ser-motricio, não desde o objeto das atividades. No fim, será o ser-motricio quem vai dizer o que é cada coisa que ele fez/faz.*

SS - *Se o ser-motricio tem, pela educação e pelos modos de vida, reduzidos seus modos de encontrar-se como seu ser prático-criador, não estaria ele projetando seus “possíveis NÃO realizados” em outros seres-motricios que “parecem” expressar plenitude em suas conquistas (exemplo dos torcedores que acompanham os “deuses” do esporte?*

ET - *Claro que sim!!! Por isso falamos de uma motricidade “situada” em outros mundos possíveis (não cartesianos, não destrutores da vida, não fragmentados, não injustos, não equitativos...). Por isso “não é tudo que vale”, por isso a gente não pode aceitar tudo. Isto será o mais corajoso desafio a superar...*

Na educação nos deparamos com os proeminentes desafios:

SS - *Na educação, como a motricidade encontra-se enquanto paradigma? O que e como trabalhar em proposições de experiências educativas em geral desde a motricidade? Como formar o docente a partir da motricidade?*

ET- *Um outro grande trabalho a fazer!!!*

⁶ **PESQUISA SOBRE “PRÁXIS”**. Não aparece nos dicionários (não da Língua, não da filosofia, não da educação, não da psicologia).

Práxis (Del gr. *πρᾶξις*). f. Prática, em oposição a teoria ou teórica. (RAE)

Práxis (Sérgio, 1996) “tudo o que, através do contributo indispensável da motricidade, contribui à manutenção e desenvolvimento da humanidade. Não é só um labor espiritual ou especulativo, mas algo que, objetiva e materialmente, **transforma** a realidade. A teoria, isolada, não tem eficácia real. Só a tem, quando se traduz numa conduta motora. A prática é a teoria materializada e a teoria é a prática formalizada” (pág. 165).

“Hoje, a práxis (que é teoria e prática, visando a crítica e o compromisso) tem uma forte implantação de conhecimento, pois que só conhecendo se inova, se desconstrói e reconstrói. Mas, neste conhecimento, não há, nem o inatismo cartesiano, nem o apriorismo kantiano, ele é o resultado da complexidade humana, visando perpetuar-se e superar-se. E, aqui, importa referir o mundo dos valores, a relação *ser-dever-ser*, sem os quais a vida humana não teria significado” (Sérgio, 2003), pág. 103.

SS – *A motricidade tem raízes e princípios que devem ser claramente incorporados. Sem sair dos fundamentos da motricidade muitas metodologias didáticas podem ser exploradas. Uma aula é um espaço/tempo para constituir mais vida e não apenas e tão somente divulgar e trabalhar conteúdos disciplinares. Será que necessitamos, para apreciar e compreender a vida, tanto assim da estrutura cartesiana? Sinto que é necessário explorar outras possibilidades de ação que promovam rupturas nos dualismos. Você também vê esse fenômeno motrício desse modo?*

ET- *Concordo plenamente. Somos seres de convívio não de competição (ver para isso os textos de Maturana, quando mostra que é na convivência e cooperação que evoluímos e não na competição do Darwin). É emergente mudar o paradigma competitivo (inserido em toda a sociedade atual) pelo paradigma cooperativo. Mas não esquecendo do indivíduo como ser único. É entender o sujeito em interação com os outros e o mundo, mas tendo em conta que o indivíduo é mesmo importante por si próprio. É ir além do “egoico”, mas não fugir do “pessoal”. Às vezes, as culturas orientais, esquecem do indivíduo como pessoa e só as consideram como pessoas-coletivo. É punido, quando surgem as atitudes de ir além por e para si próprio. Temos que pensar nessas interações, em que se educa a diferença e ao mesmo tempo se educa em direção a um projeto comum, em um bem comum.*

Eu vejo assim:

- *educar na diferença, porque não há um ser vivo igual a outro (menos uma pessoa);*
- *educar na convivência;*
- *educar para um bem comum;*
- *educar e me empenho em “dar-de-si”, por tudo o que está comigo.*

SS - *Sim, isso mesmo, é o processo de formação da individuação, do si-mesmo o que é diferente da individualização, do cada um por si que temos no convívio humano atual ou do todo, sem que minha narrativa pessoal seja considerada. A motricidade é o lugar onde pode existir a interconexão eu, outro, mundo. Penso que desvelar esse fenômeno pode ajudar muito a compreender alguns problemas que encontramos na atualidade, por exemplo, observar que muitos estudantes não se implicam em suas tarefas educativas. Há um esvaziamento na afeição⁷ como energia de saída e de chegada para as experiências educativas. As ações educativas vivem um vazio de sentido, de implicação, pois, não se encontra afeição. Isso são apenas intuições e observações originárias, tipicamente de matriz encarnada. É necessário investigar melhor...*

ET - *Nas minhas vivências eu sinto assim:*

1- Quando estou atuando como orientadora (aulas, seminários, palestras, teses), eu sinto quando há uma consonância, uma vibração, um clima criativo-lúdico... Sinto uma harmonia entre o meu ser e os outros seres. Todos estamos ali presentes, complicados nas mesmas questões; 2- Quando estou de ouvinte (em uma grande palestra, concerto musical, danças, lendo algo muito bom...), me sinto em consonância com a pessoa, sinto uma vibração em todo o meu ser, que começa pelas “tripas”, sinto que “ai” está acontecendo algo único, irrepitível, maravilhoso, aprendo junto com o outro, sei que está dizendo alguma coisa valorosa.

SS - *Isso mesmo! Que bom que avançamos no que sentimos e no que percebemos. Já é um grande avanço. Concordamos com o fenômeno e estamos avançando na sua*

⁷ Afeição... P.S.: sobre o trabalho da "Afeição", me lembrei que escrevi em minha tese sobre o termo "comovente" - co-movente - de mover com, que muito se assemelha com o Kon-Mocion que você já apresentou.

descrição, o que já não é pouco. Podemos nos perguntar, por exemplo, por que muitos (alunos e professores) não se sentem assim? Ou será que sentem e não tem o reconhecimento disso?

De acordo com essa nossa maneira de construir conhecimento, respeitando conscientemente “as coisas que surgem intuitivamente” que falamos atrás, me vem à ideia de uma “rede de intencionalidades” que situam, de forma muito dinâmica, o ser-motricio.

Eu fiz um esquema... Ainda preciso pensar melhor sobre isso... No meio desse nosso trabalho vão surgindo outras coisas, como a questão das narrativas motricias. Se a consonância é uma energia potencializadora da ação, como temos visto, a narratividade do ser-motricio pode tomar outros rumos compreensivos.

NARRATIVA MOTRÍCIA = Ontologia do ser-motricio situado em consonância numa rede de intencionalidade onde figura a AÇÃO+SENTIDO+RELAÇÃO+VALOR numa dimensão HISTÓRICO/CULTURAL/POLITICA. A partir daí, poderíamos considerar a práxis criadora como uma narrativa motricia?

ET - *Hummm...!! Há “alguma coisa” nas “narrativas” que não me soa bem, que me parece insuficiente. Sinto como “uma moda” da modernidade. Sempre que leio sobre “narrativas”, não me sinto bem. É como algo “artificial”, algo que quer “narrar” com palavras do alfabeto o “todo”. E se falamos que temos diversas linguagens para nos comunicar e criar um novo conhecimento, as tais “narrativas” me ficam demasiado racionais.*

Penso que “o nosso” é mais vivencial, mais de sentir. Depois podemos procurar as palavras, mas não é só “narrando” que vamos entender o ser-motricio. Há muitas coisas que não podem ser nomeadas, só podem ser dançadas, ritmadas, cantadas, pintadas... Isso é o que falávamos de aprender a interpretar as diferentes linguagens. Penso que é isso que está por ser construído. Lembremos que há vários povos mais dançantes que falantes, mais cantantes que falantes.

SS – *Sim, de fato, nem tudo cabe na linguagem alfabética. Por isso compreendo o Ser-motricio (ser-prático) como um ser-de-ação; ser-de-linguagens; ser-em-consonância; ser-criador etc. e, nesse percurso de vida, vai formando narrativas que tem sua matriz originária no sentido sensível da corporeidade, dinamizada motriciamente. Pelas narrativas, podemos acessar parte dessa realidade vivida, o que poderá auxiliar na constituição da identidade, um modo de self- autobiográfico como aponta Damásio.*

Seriam essas narrativas motricias um dos objetos de estudo da motricidade humana? Como as experiências motricias originárias poderiam ser acessadas sem as narrativas? Como formá-las ou, se necessário, (re) formá-las? Quando penso narrativas, não as penso somente pela forma da linguagem alfabética, penso nas diversas formas expressivas... Enfim...

ET - *Não seria pelas narrativas, seria diretamente pelas linguagens, pelos sentires. Mais difícil, ainda!! Por isso, os acadêmicos querem “narrar”, para situar todas as coisas no alfabeto acadêmico...*

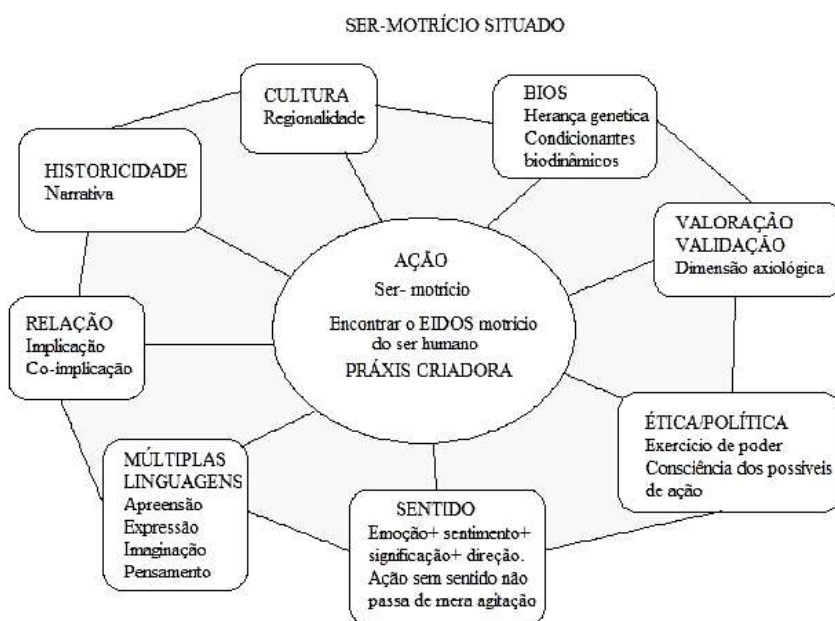
SS - *Veja, considerar a narratividade motricia é diferente de falar em transcendência, defesa principal na obra de Manuel Sérgio. As narrativas motricias podem levar à transcendência ou não. O caminho evolutivo da consciência do ser-motricio pode ser transcendente, no entanto, há um “caminho” para trilhar e, nesse caminho, uma historicidade motricia vai se formando (basta olhar pra nossa própria vida e das coisas que contamos uns para os outros em nossos encontros).*

ET - Concordo com a historicidade. Claro! Mas se não há transcendência, se não há um ir além... onde fica a humanidade?

SS - Isso me remete ao texto que você nos forneceu sobre as novas perspectivas para o trabalho e para o ócio e as implicações que essas perguntas trazem nesse cenário. Novas formas de ser, pensar, sentir, agir, conviver, etc. são processos de formação de novas narrativas e novos valores e compreensões sobre elas. Nesse sentido, se o que apresento possui algum sentido, a motricidade pode assumir uma das mais importantes referências para a humanidade: a narratividade do ser-motricio!

ET - Claro que a motricidade pode assumir uma das mais importantes referências para a humanidade!!! Penso que isso é precisamente o que tratamos de criar. Mas não como narrativa, e sim como VIDA. É vida, é convívio, é colaboração, é ir além, é respeito, é... tudo o que nós estamos falando.

SS - E se há narratividade, há de existir a interpretação. Por isso estamos a pesquisar!!! Enfim... ideias, apenas ideias que vão abrindo horizontes para trabalhar. Segue o mapa do qual falei...



ET - A imagem em rede que apresenta, eu gosto. Tem Vida... Amanhã vou estudar com calma e digo alguma coisa sobre o assunto que apresenta sobre as "narrativas"... estava agora escrevendo sobre isso e tenho muitas dúvidas!

SS - Eu também...

ET - Pessoalmente, não gosto do assunto das "narrativas". Quando, nos doutorados, eu escuto os meus colegas falando disso como sendo "o mais inovador" para compreender a realidade, eu fico "nervosa"!

SS - Eu penso que vale pensar sobre o que compreendemos por narratividade.

ET - Quando uma coisa não "bate certo"... fico chateada.

SS - Isso para não cair na ideia de análise de discurso ou mesmo das representações sociais.

ET - Certo, mas quando é preciso "explicar" o que significa algo, é que esse algo não diz o que a gente quer dizer.

SS - Entendo. É que a narrativa não necessariamente precisa ser da oralidade ou da língua escrita.

ET - É isso o que se entende, é isso o que fica. Eu gostaria de "sair" desse lugar para ir diretamente às diversas linguagens.

SS - Concordo, mas indo às múltiplas linguagens não estariam, com elas, formando outros modos de narrativa?

ET - Depende do que entendemos pelas narrativas, de novo. Eu me sinto mais à vontade com a ideia de interpretação, vibra melhor e leva "ação", é dizer: "interpreta-ção", aí vamos procurando certa coerência, desde a minha ótica, desde o meu pequeno olhar.

SS - Acho que também, nesse caso precisamos ir às essências, pois sinto que temos a mesma ideia como nomes diferentes. Vejo que é também um problema de terminologia, por exemplo, você fala em histórias motricias, e que eu gosto dessa perspectiva.

ET - Mas as palavras falam e devemos procurar as palavras que consigam dizer o que queremos dizer.

SS - Sim, exatamente...

ET - Mas, "histórias"... é porque somos seres históricos, porque não há vida sem história, explique, por que você pensou em narrativas?

SS - O que ocorre é que nossas ações contam muito sobre nosso modo de ser, pensar, etc. E por aí, elas são carregadas de sentido. Narrar é contar sobre o vivido.

ET - Lembre que "ação" é sentido, pensamento, etc.

SS - Sim, e por isso vão organizando a vida no tempo/espaço.

ET - A palavra "ação" já implica todas essas coisas. Porque colocar mais palavras além da "ação"? Coitadinha da "ação"!!! Interiorizamos tanto o cartesianismo que é muito difícil sair dele e pensar hologramaticamente.

SS - É verdade. Mais há algo que parece entrelaçar a ação e a formação de mundos como "narrativas".

ET - E toda a linguagem (falada e escrita) é cartesiano mesmo. Por isso é bem complicado achar as palavras certas para ir além.

SS - Eu estou pensando em ficar com a ideia da interpretação e da apreciação, soam mais correntes.

ET - Para mim, não são as narrativas, essa formação de mundos, é mesmo corpóreo, com tudo o que isso significa. Entendo porque vivo, não preciso narrar, preciso viver corporeamente, ou seja, viver sentindo, agindo, criando mundos mais justos, etc.

SS - Vou amadurecer a ideia e fico grato por suas colocações.

ET - E a motricidade me permite esse ir além acaba de entrar uma mensagem que diz: "II curso de especialização em pedagogia da cultura corporal". As imagem do folder são crianças correndo, dançando... o mesmo de sempre....que longe estamos!!!

SS - Sim, imagino.

ET - Até onde seremos capazes de chegar? Tomando Willian Ospina como referência, se percebe a necessidade de clareza e simplicidade na escrita. A necessidade também, de pesquisar a partir de outras perspectivas. Fundamentada também nisso, é que não gosto das "narrativas". Mas compreendo que é algo muito pessoal. Sinto que a motricidade vai por outros caminhos mais abertos, mais singelos, mais lúdico-criativos.

SS - Então, como encontrar palavras para dizer o que ocorre em determinadas realidades? Eu começo a sentir que não haverá como transcrever determinadas

realidades em palavras, mas somente, num "conjunto de múltiplas expressões em rede". Uma espécie de "teia de múltiplas linguagens" que por onde nós apreendemos essas realidades e por onde expressamos nosso modo de ser-motricio. Um conjunto em rede que perpassa desde as mais concretas relações com a materialidade do ato, com os "entes" materiais, ou seja, as coisas "físicas", passando pelos sentido sensível do corpo, onde são originadas as diversas possibilidades subjetivas, interagindo com outras subjetividades (intersubjetividade) a caminho das realidades transcendentais (ser-mais)...tudo isso encontrando diferentes caminhos e formas de expressão, de acordo com as singularidades motricias.

Eu não sei como podemos encontrar um "termo" que consiga dizer o "todo" do que é ser-motricio. Como conseguir colocar "limites" terminológicos num fenômeno tão dinâmico por conta da própria subjetividade corpórea? **Então sugiro pensarmos nisso:** Será que não estamos num caminho errado tentando encontrar "palavras" e "termos"? Será que não seria mais interessante pensarmos em revelar os "fenômenos motricios" sempre dinamicamente por "redes de sentido e significação multilinguísticas"? Será que a "saída" não seria deixar de procurar "termos" e pensarmos em "Formas dinâmicas de dizer a experiência corpórea por muitas vias"?

Como seres-motricios (seres de ação) somos multifacetados, já dizia o prof. Dr. Rui Josgrilberg, ou seja, podemos dialogar com o mundo de muitos modos, temos acesso a várias realidades. Somos transfiguradores e criadores dessas várias realidades. Não vejo como reduzir essa complexidade num agrupamento de palavras. Não que a linguagem escrita/falada seja pobre ou que devemos desconsiderá-la importante, mas com certeza é insuficiente....

É exatamente aí que compreendo que está nosso problema.....O método está errado. Compreendo que essa ideia de: "**conjunto de múltiplas expressões em rede**", ou, "**redes de sentido e significação multilinguísticas**"; "**teia de múltiplas vivências e linguagens**" ou algo nessa direção, dialoga com o "pensar sem categorias", "pensar epistemicamente" de Hugo Zemelman que você apresenta.

Eugenia, eu não sei se esse é o caminho.... mas me parece mais coerente com o que sentimos!!

Para dizer isso volto-me para a cultura dos orientes, especialmente do extremo-orientes, já que o orientes próximo (mundo árabe) gira em torno da palavra, o que causa enormes problemas de interpretação. A ação, a experiência, o vivido, o sentido sensível para o clássico pensamento do extremo orientes não se ocupa em procurar palavras que descrevam determinadas realidades. Valoriza-se o ato vivido.... e pronto. Os ensinamentos são "atos vividos"...É só olharmos para o Zen Budismo, entre outros clássicos da cultura oriental.

"O todo" das vivências estão sendo "ditos" pelos rituais, pelos provérbios, pelas metáforas, pelos "cantos", pelo sentido simbólico dos objetos, etc. É na totalidade das vivências e suas múltiplas possibilidades linguísticas de transposição e transfiguração que está a formação do sentido de ser-motricio, e não numa "palavra"... **ou seja, é aquilo que você propõe exatamente na PESQUISA E INVESTIGAÇÃO ENCARNADA!** Acho que estamos dando voltas e a solução já está dada...por você mesma! Nada de somente usar palavras... e sim uma REDE DE SENTIDOS ...Não seria esse o nosso caminho? Será que você já não solucionou isso faz tempo?

ET - Então, penso que devemos "voltar" aos mesmos caminhos que nós próprios criamos. Voltar a escrever misturando as linguagens, colocando links de acesso, incluindo imagens, dando tarefas aos leitores e não ficarmos preocupados com o fato de "sairmos da academia". Se calhar, a própria academia está precisando de nós,

desses novos caminhos. Muitos não entenderão (como sempre), mas outros ficarão surpresos e agradecerão pelos caminhos abertos.

Claro que é mais fácil de mostrar "vivenciando" (como você consegue fazer com o seu grupo). Lembro de tudo o que conseguíamos avançar na equipe kon-traste e também nos primeiros trabalhos da equipe KonMoción da Colômbia. As linguagens estavam misturadas nas próprias vivências e por aí conseguíamos "escrever" emotivamente.

Precisamos avançar... Como podemos ver: sentido e significado; interno e externo; eu e mundo; onda e partícula, etc... a linguagem alfabética é linear, feita de códigos que não se podem "ler" nada mais que em linhas (significado). Precisa de um nível de abstração (de ir além dos códigos) para compreender o sentido (o que está por trás da letra impressa). As outras linguagens são ou podem ser simultâneas, daí que sejam metafóricas, simbólicas (sentido). Podemos "ler" uma sinfonia em pentagrama e "ver" os distintos instrumentos soando ao uníssono. Podemos ver uma pintura e interpretá-la no mesmo momento com uma dança, etc.

Motricidade e Paidéia

E notamos efetivamente que precisamos avançar, que precisamos encontrar outros caminhos capazes de abrir horizontes na relação da motricidade/ linguagens para que possamos propor novos aportes para a educação, novos aportes capazes de auxiliar no trato à crise civilizatória. Porque a angústia se mostra um sentimento presente na educação. Sobre isso discutimos:

SS - *As dificuldades em trabalhar com as crianças e jovens na educação formal tem sido muito grandes. Está realmente muito complicado. Parece ser um desafio universal. Reflexo de um conjunto de "déficits"... de vivência, de relação, de valor, de autopercepção, de interpretação de si mesmo, etc., etc., etc. Fruto desse conjunto de problemas que temos nos dedicado a estudar.*

Enfim, sei o que deve estar passando por aí, mesmo porque vivo isso cotidianamente. Ou diretamente com as aulas que proporciono ou trabalhando com os professores e demais parceiros da educação... A palavra que mais aparece nos encontros de formação é "ANGÚSTIA".

Isso muito me preocupa, pois estamos falando de um espaço de formação. Um lugar que deveria ser de admiração e encantamento (mirandum!)..., mas não tem sido.

Muitas fragmentações, individualismos, jogos de poder, instabilidades emocionais, com muitas ações superficiais, extremamente burocráticas, controladas por sistemas standardizados, provas de controle, produção... reprodução sem sentido, uma destituição impressionante do sentido sensível do corpo e um distanciamento das coisas simples e essenciais.

Para tratar desse universo é que iniciei o ano passado (e darei continuidade esse ano) o grupo de estudos "Horizontes: as essências do ato educativo", uma tentativa de reunir pessoas dispostas a criar outros caminhos...

Enfim... encontrei algumas pessoas (8 a 10) dispostas a isso... estamos caminhando, criando diálogos, às vezes enfrentamentos... mas estamos avançando... pelo menos no sentimento de que estamos fazendo algo diferente, interessante e temos encontrado na "rede das múltiplas linguagens" um modo de superar as categorias de divisão "disciplinar" (matemática, geografia, história, ed. física, etc.) imposta pelo sistema escolar...

ET - *Sobre as aulas de ensino médio e o professorado. É muito triste sentir a "angústia". É muito estressante não ter respostas e não ter nada a fazer. Penso mesmo*

que estamos em uma grande crise civilizatória, uma crise de princípios básicos para constituir a sociedade como sistema-mundo-outro. Este mundo individualista, competitivo, poderoso, super-macro-econômico não dá mais. E o resultado é o que as aulas manifestam. Vamos muito mal como sociedade, como pessoas, como humanidade. Até onde? Já não é um problema das aulas, é um problema de criação de sociedade. É um problema que afeta a todos e a TUDO. É um problema que não tem solução desde um único lugar e uma única pessoa. Ou pensamos-sentimos-agimos em rede (como você também coloca), ou não tem solução. Quando a humanidade perde os valores do bem comum, perdeu TUDO. E, sinto que isto é o que está acontecendo.

Todos esquecemos a nossa obrigação de EDUCAR, de SOCIEDADE EDUCATIVA, e enquanto não a resolvermos, não há solução. Isto é muito triste e angustiante para os que, desde a própria historicidade, acreditam na educação. Já não é possível pensar dessa maneira "ilhada". Ou criamos todos, ou vamos seguir à deriva... É mais difícil ainda para aqueles que em um tempo acreditam no trabalho de formação, e que veem, como agora atualmente é considerado, um trabalho sem retorno e sem valor. Mas estamos obrigados pela nossa própria sobrevivência a permanecer neste trabalho...

SS – *Por isso penso que o nosso "plus", como você tem apontado, não é a tentativa de ficar juntando coisas e fenômenos, mas a fortíssima intuição de que existe um poderoso "âmbito de coexistência" que a motricidade revela. Atuação-sentido-valor-relação-situação-linguagens, ou seja ... ser-motricio! Esse é o nosso "princípio", ou seja, a motricidade como unidade totalizadora da experiência de ser-no-mundo. Isso faz com que nossas perspectivas compreensivas sejam singulares. Eu destacaria também o fato de assumirmos isso como referencial formativo/educativo. Por exemplo: sabemos da importância da temporalidade na ação humana. Mas quem adota essa "fonte" de experiência como conteúdo e referencial formativo? Assim como a questão dos sentidos e dos valores. Quem se ocupa do sentido da ação como "essência" educativa? Os projetos educativos dizem que é necessário desenvolver "habilidades e competências". As disciplinas escolares, ainda assentadas nos dualismos polarizantes, promovem várias tarefas para esse fim. Mas, quem faz a pergunta do que é o valor ou o sentido de desenvolvermos uma habilidade? Nosso "plus", no momento como compreendo agora, é o nosso ponto de partida, os nossos princípios, é a nossa matriz, por onde nos assentamos para olhar as realidades humanas. Outro exemplo: quando iniciei os estudos da obra de López Quintas, fiquei encantado com o conceito de âmbito, de realidades superobjetivas, etc. No entanto, a partir de nossos princípios, posso perguntar se não é nosso modo de ser no mundo como seres motricios que possibilita essa abertura de mundo. O que quero dizer é que muita coisa pode ser vista por outros prismas a partir de onde estamos... Como pode ser a educação vista a partir do ser-motricio? Como ficariam as atividades escolares a partir de uma pedagogia da ação como concebemos?*

ET - *Segundo isso, o nosso "plus", a nossa "diferença", a nossa "identidade" como você fala, é trabalhar mesmo "em cima do sentido" e menos "em cima dos significados". Em cima dos sentidos que as pessoas dão as coisas e o modo como vivemos (pensamos, agimos, fazemos, etc.) e que, na maioria das vezes, não podem ser "descritas" com a "fala" alfabética.*

Se calhar, devemos trabalhar mais no "silêncio das palavras" para procurar ir além. Para tratar de aprofundar no próprio sentido que é para nós cada situação vivida, no mundo e com o mundo. Eu tenho feito muitas experiências formativas e de pesquisa com estas situações. Tiro a fala das aulas e trabalho com as outras linguagens para compreender diversidade de situações e conceitos. E não querer "refletir" com a língua alfabética no fim das vivências, pensando que é o "modo de recolher a

informação”. Cair nesta tendência penso, é incoerente com o próprio planejamento que temos. É essa a nossa diferença? Mostrar que é possível e necessário compreender o mundo desde os próprios sentidos? Dizer que não é necessária só da fala (oral ou escrita) para interpretar o mundo? Que o mundo quântico pode ser desenhado, musicalizado, dançado? Umas máximas poderiam ser: “menos fala e mais linguagens”, “menos escrita e mais dança”, “menos conversa e mais vivência”... O que acha? E... se calhar, se silenciarmos a voz argumentativa e ficamos com a voz cantada, depois poderemos recuperar a voz falada. Mas, dedicar tempo, muito tempo ao silêncio da palavra. Sinto que estamos em um mundo de barulho e precisamos acalmar, silenciar. E se não silenciarmos, não vamos poder avançar. Continuaremos criando dualismos em cima de dualismos, fugindo do “sentido” e o “sentir” da própria VIDA. Resgatar o que acontece “dentro de nós”, sem precisar “contar”. Ver se existem mudanças “dentro de nós” (consciência central e ampliada de Damásio) que se transformem em mudanças “fora de nós” (consciência moral de Damásio e o Bem de Lazslo e Quintela). Acho que se nas nossas aulas de formação e pesquisa não conseguimos mudar de dentro para fora, ficamos no mesmo lugar que as outras aulas. Se isso acontece não temos conosco nenhum “plus”. Em um mundo em crise, como o atual, não serve “ficarmos numa boa, nós próprios”. Não serve, “fazer tudo numa boa” se não há uma mudança em nosso entorno. Trata-se de adotar um esforço de engajamento.

Muitas experiências “alternativas” estão saindo das comunidades, sabemos disso. As pessoas estão cansadas, sem energia, estressadas, precisando chegar aos lugares de calma. Isso está muito bem. Mas sinto que, muitos desses lugares acabam em novas fugas. Fugir do mundo em crise “para que eu possa ficar numa boa”. Alguns desses espaços “convocam” as pessoas para ir ao encontro dos tais mundos “espiritualistas”, criando as seitas salvadoras. Outros se conformam, desde que “qualifique bem as aulas”, mas poucos se preocupam porque as mudanças internas não chegam a sociedade em princípios de “bem comum”. Fico sempre preocupada com essas coisas.

Todos nós gostamos que digam “palavras lindas” depois das aulas, e se calhar, ficamos tranquilos porque as coisas ocorreram muito bem. Mas... é o suficiente?

Caminhos percorridos... que apontam outros caminhos

SS - *Ufa! Quanta coisa pra pensar. Alguns caminhos e muitos desafios. De tudo o que apresentou, vou me deter na questão do sentido, já considerando que este é um “plus” do que estamos propondo, o que, resumidamente, compreendo como a relação do sentido e a ação criadora. O sentido/significado como intencionalidade criadora da ação, representa a dimensão da motricidade onde circulam os domínios subjetivos e imateriais, muitas vezes ignorados e pouco compreendidos pela dificuldade de acessá-los pelos métodos tradicionais da ciência clássica, tornando a compreensão reduzida ao “ato do fazer”. Para uma mesma ação pode ligar-se uma infinidade de intencionalidades e sentidos, pois “o Homem não vive num mundo de coisas, nem procede more geométrico – ele vive num mundo de significações” (SÉRGIO, 1985, p. 18).*

Para compreender e interpretar a motricidade não basta apenas mensurar ou descrever aquilo que se realiza na dimensão materializável da ação. A essência da realidade imaterial é “invisível”, retratada e analisada na dimensão do sentido, surge a partir do entrelaçamento com as experiências vividas na materialidade objetivada. O ser-motricio não é um acontecimento corporal reduzido e materialmente pertencente a uma dimensão espaço-tempo-causalidade como os demais objetos do

mundo, já que é constituído de determinação, intencionalidade, desejo, sentido e significado.

Como nos faz lembrar Josgrilberg (2013, p. 21): “O ser humano é um buscador/doador de sentido (aspecto da intencionalidade) e de superação, um ser aberto de possibilidades...”. Podemos afirmar que a natureza comum de nossa humanidade está na propensão para a interpretação, uma vez que somos seres capazes de produzir e captar sentidos, assim, devemos explorar o universo das significações. Na ação, o corpo humano percebe o si mesmo, o outro e o mundo com intencionalidade e sentido. Na práxis criadora, o sentido da ação reflete a dimensão do “invisível”, da essência. Como aponta López Quintás (2003, p.24):

Cada acción humana, si debe tener sentido, debe contribuir a instaurar con el entorno formas de integración fecundas, modos de unidad no fusional sino “lúdica”. El hombre se distancia de lo real circundante para entrar en juego con él, no para alejarse.

Como seres-motrícios, estamos dotados da possibilidade de conectar a ação e o sentido pela linguagem e imaginação. A passagem de um movimento reativo ou reflexo de um ente que se move para a revelação do ser-motrício situado, exige que o feixe de sentido/significado seja acionado em conjunto com a vivência. Daí resulta que: toda compreensão do ser-motrício que destituir o seu ontológico entrelaçamento ação/sentido/linguagens, reduz os atos interpretativos à habilidade de execução. A execução é parte de uma dimensão existencial muito mais ampla que precisa ser explorada nos atos educativos.

Como exemplo, podemos imaginar uma corrida que vai ser realizada entre três pessoas: o deficiente físico, o não atleta e o atleta. Pelo paradigma corrente ambos percorreriam uma determinada distância e seriam comparados pela velocidade cronometrada, seguido de um processo de classificação. Na concepção que defendemos, a proposta educativa da corrida das três distintas corporeidades exploraria os sentidos e narrativas provenientes da vivência de correr. Escolheríamos a distância em que cada qual poderia correr com o melhor de si. Eles realizariam a corrida diversas vezes, desde que, no agir, vivenciassem a totalidade de suas possibilidades. A corrida poderia ser feita sozinho ou com os outros participantes, assim como em forma de jogos. Poderíamos criar outros modos e intencionalidades sobre o ato de correr. As experiências seriam então registradas em fotos, vídeos, relatos escritos e orais, desenhos, entrevistas e diálogos. Não adotaríamos só a cronometragem das vivências das corridas como única referência valorativa, mas também as possibilidades narrativas dos corredores, procurando responder a perguntas: Como é correr sozinho? Como é correr com o outro, sabendo que os participantes têm velocidades diferentes por conta dos corpos distintos? O que o ato de correr me proporciona? Há somente uma intencionalidade para o ato de correr? Ao trio, ou a cada um deles individualmente, poderíamos propor a edição de um vídeo com uma duração máxima estipulada (30 segundos), em que seja possível narrar a vivência explorando as múltiplas linguagens como a foto, desenhos, texto, a música, etc., para criar uma dinâmica de entrelaçamento expressivo. Uma vez editados, os vídeos seriam apreciados pelos participantes e alimentariam a interpretação das novas possibilidades de experimentação do ato de correr.

Esse é um exemplo de como a ação educativa pode alterar o sentido, o valor e relação da vivência. Vale ressaltar que o processo de criação de sentido/significado de

determinada ação, ocorre de acordo com o mundo próprio de cada um⁸. O sentido do ser-motricio é encontrado, por exemplo, nas narrativas pelas quais a intencionalidade emerge. O discurso se configura por múltiplas linguagens, portanto, para chegar ao sentido temos que considerar o ser-motricio como ser-de-linguagens. As múltiplas linguagens revelam o sentido do corpo em ato cujo acesso é interpretativo. O sentido, para López Quintás (2003, p. 51) é relacional, só se revela quando a ação contempla uma trama de conexões com a realidade de entorno. Segue o autor afirmando que, por ser relacional, o sentido é mutável, portanto não pode ser constituído estaticamente, como um objeto, "lo adquiere y posee dinámicamente, al entrar en relación creadora con otras realidades" (LÓPEZ QUINTÁS, 2003, p. 52).

ET - Sérgio, já consegui ler com calma os seus últimos apontamentos. Muito precisos, como sempre e muito esperançosos. Temos uma grande tarefa pela frente e parece que os tempos correm na contramão ou, melhor dizendo, correm contra a própria humanidade. Parece que andamos em tempos de involução, de não haver caminhos marcados para mudar de rumo, como diz Bauman em um dos seus analíticos e saborosos livros "Estado de crise"⁹.

SS - De fato, estamos mesmo em um tempo de retrocesso em alguns aspectos, alguns deles podem ser observados na educação. Não sei como estão as coisas por aí, mas no Brasil está tomando forma uma assustadora "invasão" do mundo corporativo, já dominante no ensino superior, agora na educação básica.

Veja por exemplo:

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578444-kroton-educacional-em-termos-de-educacao-publica-nunca-experimentamos-um-inimigo-com-uma-forca-social-tao-concentrada-como-esse>

Estamos mesmo num movimento de resistência, especialmente porque nos posicionamos numa onto-epistemologia emergente e, de certo modo, contra hegemônica.

ET - A situação do mundo educativo no Brasil, não é diferente da do resto do mundo. Estamos no sistema-mundo-capitalista e já sabemos o que isso significa. Esse mundo mexe com tudo, a educação faz parte, não é um mundo separado. Podemos lutar "contra"? Sim e não. Me explico. 1- Não, porque como educadores que fazemos parte desse sistema-mundo, estamos "dentro" e nos pagam para "transmitir" o que o sistema-mundo exige. Eles são os pagadores e nós precisamos do dinheiro para sobreviver. Nesse contexto é melhor "não mexer", porque não temos chance. Só podemos "deixar" alguma semente que, se calhar, em algum momento pode dar frutos novos... Mas não podemos deixar a nossa energia dentro desse sistema-mundo-apodrecido. É perigoso para a nossa própria sobrevivência. Isso é um tema que podemos desenvolver. Aqui é preciso ser críticos (desde fora) e isso podemos fazer em nossas publicações = pensamento crítico. 2- Sim, porque nós trabalhamos com pessoas, não só com instituições. Muitas pessoas estão cansadas deste sistema-mundo, mas não tem ferramentas para sobreviver a ele. São as pessoas que buscam os seus grupos de trabalho, são as pessoas que leem os nossos trabalhos, são as pessoas com quem interagimos diariamente e acreditam em nós. É com elas que podemos caminhar e propor outros olhares de ser-e-estar-no-mundo como seres motrícos. É por aqui que, considero, devemos avançar.

É preciso lembrar que o sistema-mundo atual está em crise. Mais cedo ou mais tarde vai cair. Nós devemos trabalhar para "esse depois". Seguir criando situações, ideias, propostas, formas de vida e, em algum momento, podem emergir. Não foi esse o

⁸ Cf. HIGASHIDA, N. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

⁹ BAUMAN, Z. & BORDONI, C. (2016). **Estado de crisis**. Barcelona: Paidós.

trabalho dos grandes criadores-utópicos-loucos da humanidade? Ou seja, Sérgio. Podemos ficar "chorando" porque o sistema-mundo está louco ou podemos caminhar para um bem-ser, um ir além do estabelecido, nos espaços que temos nas nossas mãos. De uma ou outra maneira, é o que estamos fazendo. Lembro que esse caminho sempre foi o que eu transitei, ou seja, o pensamento criativo.

É a união entre pensamento crítico e criativo, é o pensamento complexo (em palavras de Morin), é a mente encarnada nas nossas propostas. Trabalhar com pessoas é ir além do estabelecido, como você faz cada dia. É trabalhar com propostas que permitam "trazer luz" para as pessoas caminhar nos seus lugares de vida. Há que ensinar a "não mexer" com o que dá a sobrevivência as pessoas (para não ficarem frustradas e incomodadas demais), mas sim, dar energias limpas e livres para VIVER e contribuir, desde os lugares de cada um, como grãos de areia que, pouco a pouco, vão enchendo o sistema-mundo-atual até o seu final. Princípio Esperança! do Paulo Freire e outros.

Fácil não é, mas possível, sim, como já sabemos.

Referências

BAUMAN, Z. & BORDONI, C. (2016). **Estado de crisis**. Barcelona: Paidós.

HIGASHIDA, N. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

JOSGRILBERG, R. Vivência filosófica e espiritualidade cristã em Edith Stein. **Revista Notandum**, Cemoroc-Feusp / IJI –Univers. do Porto, n.33, setembro-dezembro de 2013, p. 13-22. Disponível em: <http://hottopos.com/notand33/13-22Rui.pdf>

LÓPEZ QUINTÁS, A. **La cultura y el sentido de la vida**. Madrid: Ediciones RIALP, 2003.

Recebido para publicação em 22-08-18; aceito em 25-09-18